

## ECONOMIA

ELEIÇÕES NA EUROPA

# A fragmentação política tomou conta dos periféricos

**As eleições nos PIGS mostraram uma tendência para a erosão do centro político. Apesar das diferenças de contexto, a estabilidade governativa tornou-se tema central nestes países que, nos últimos anos, partilharam políticas de austeridade.**

Clodagh Kilcoyne/Reuters

DAVID SANTIAGO

dsantiago@negocios.pt

**P**ortugal, Irlanda, Grécia e Espanha, também conhecidos pela sigla PIGS, são países muito diferentes.

Mas hoje politicamente próximos. A Irlanda foi a eleições há semanas, Espanha e Portugal tiveram legislativas no final do ano passado e, na Grécia, houve lugar a duas legislativas em 2015. Com regimes políticos distintos e situações económicas opostas, há algo que lhes é transversal. Vencedores, negociações parlamentares e governos (ou a falta deles) à parte, os resultados eleitorais nos PIGS confirmam uma tendência clara: Erosão do centro político, ou “centrão”.

A par do abalo sofrido pelo “centrão”, registaram-se níveis inéditos de polarização parlamentar. Na Grécia, o tradicional bipartidarismo foi reformulado, depois de o principal partido do centro-esquerda (Pasok), que alterou durante décadas no poder com a Nova Democracia, ter sido substituído pelo Syriza (“pasokização”). Ainda assim, na Irlanda, Espanha e em Portugal, apesar de “centrões” fragilizados após os últimos actos eleitorais, o habitual duopólio sobreviveu.

Isto apesar da dispersão de votos ter fragmentado os respectivos parlamentos, colocando em causa a estabilidade governativa. Porque, aponta Bernardo Pires de Lima, a erosão do centro obriga ao “forjar de coligações”, algo que o investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) duvida que “seja um factor de estabilidade”.

E se em Portugal se concretizou uma impensável maioria de esquerda, em Espanha e na Irlanda reina a incerteza política, sendo forte a possibilidade de novas eleições para re-



Enda Kenny, primeiro-ministro irlandês ainda em funções, é o rosto mais recente da incerteza política. Apesar de ter vencido as eleições poderá não formar Governo.

solver o impasse provocado pela inexistência de soluções governativas óbvias e pela impossibilidade de alianças consideradas naturais. Poucos arriscam prever um desenlace. “Há tantas variáveis que se combinam que é impossível fazer uma projecção, quanto mais uma previsão”, concede Viriato Soromenho-Marques, professor de Filosofia Política da Universidade de Lisboa.

Mas a que poderá dever-se a simultânea perda de força do “centrão” nestes países? No entender de Pires de Lima, apesar das “características próprias” de cada sistema partidário, a principal explicação para esta reali-

dade reside “na dureza das medidas impostas no quadro dos resgates”. A propalada austeridade inscrita nos resgates externos foi transversal aos PIGS (em Espanha cingiu-se ao sistema financeiro e a Grécia está ainda no início daquele que é já o terceiro programa de assistência desde 2010). Na mesma linha, Soromenho-Marques conclui que, “regra geral, a austeridade erode os sistemas político-partidários”.

Estes programas de assistência financeira “geraram um alargado descontentamento social, muitas vezes impulsionado pela total ausência de bom senso dos seus executores”, re-

fere Pires de Lima que aduz ainda um outro factor, que passa pela “cristalização dos partidos sistémicos, desprestígio e descrédito de algumas lideranças”. Este especialista em Relações Internacionais considera que foi criado “campo aberto” ao reforço de partidos anti-austeridade e anti-sistema, como é exemplo o Bloco de Esquerda (BE), o Podemos em Espanha, ou o Sinn Féin na Irlanda, “que encontraram acolhimento em partidos novos ou menos conotados com o exercício do poder”.

Resta saber se são alterações que vieram para ficar. Soromenho-Marques não acredita que o centro-direi-

ta seja o “ganhador líquido com este processo” e inclina-se para alterações ao nível europeu tendentes à “regionalização e fragmentação partidária” e à “emergência de regimes autoritários” como se vê na Europa Central. Num tom pouco optimista, este filósofo avisa que “o consenso democrático de que nos gabamos na Europa está em risco”.

## Socialistas viram à direita

Além dos pontos de contacto há nuances. A quebra eleitoral dos partidos socialistas (centro-esquerda), que participaram como força minoritária nos governos que aplicaram